Poema

Era
colonial

Período Quinhentismo

Descobrimento do Brasil

As caravelas da esquadra portuguesa, Comandada por
Pedro Álvares Cabral, Chegou ao litoral sul do estado
da Bahia. Num lugar batizado de Monte Pascoal. Isso
ocorreu no dia vinte e dois de abril, O ano dessa
chegada era mil e quinhentos. Esses portugueses,
eram povo vil! Dizimaram os inocentes e ingênuos
índios. No dia seguinte celebraram a primeira missa,
Rezada pelo Frei Henrique de Coimbra. Depois a
esquadra rumou em direção as Índias, Em busca das
muitas riquezas e especiarias. A arquitetura colonial
brasileira se apresenta, Como exemplo de
originalidade e riqueza. Fruto do impulso inicial dado
pelos jesuítas, Responsáveis pela construção de
inúmeras igrejas.

Período barroco

Nasce o Sol e não dura mais que um dia, Depois da Luz se segue a noite escura, Em tristes sombras morre a formosura, Em contínuas tritezas e alegria. Porém, se acaba o Sol, por que nascia? Se é tão formosa a Luz, por que não dura? Como a beleza assim se transfigura? Como o gosto da pena assim se fia? Mas no Sol, e na Luz falta a firmesa, Na formosura não se dê constancia, E na alegria sinta-se a triteza, Começa o mundo enfim pela ignorância, E tem qualquer dos bens por natureza. A firmeza somente na incostância.

Gregório de Matos

Período arcadismo

Nada se Pode Comparar Contigo Du bocage O ledo passarinho, que gorjeia Dalma exprimindo a cândida ternura; O rio transparente, que murmura, E por entre pedrinhas serpenteia; O Sol, que o céu diáfano passeia, A Lua, que lhe deve a formosura, O sorriso da Aurora, alegre e pura, A rosa, que entre os Zéfiros ondeia; A serena, amorosa Primavera, O doce autor das glórias que consigo, A Deusa das paixões e de Citera; Quanto digo, meu bem, quanto não digo, Tudo em tua presença degenera. Nada se pode comparar contigo.

Era
nacional

Período romantismo

Se Eu Morresse Amanhã

Álvares de Azevedo

Se eu morresse amanhã, viria ao menos Fechar meus olhos minha triste irmã, Minha mãe de saudades morreria Se eu morresse amanhã Quanta glória pressinto em meu futuro! Que aurora de porvir e que manhã! Eu perdera chorando essas coroas Se eu morresse amanhã! Que sol! que céu azul! que doce n'alva Acorda ti natureza mais louçã! Não me batera tanto amor no peito Se eu morresse amanhã! Mas essa dor da vida que devora A ânsia de glória, o dolorido afã... A dor no peito emudecera ao menos Se eu morresse amanhã!

Período realismo

A amizade consegue ser tão complexa... Deixa uns desanimados, outros bem felizes... É a alimentação dos fracos É o reino dos fortes Faz-nos cometer erros Os fracos deixam se ir abaixo Os fortes erguem sempre a cabeça os assim assim assumem-os Sem pensar conquistamos O mundo geral e construímos o nosso pequeno lugar deixando brilhar cada estrelinha Estrelinhas... Doces, sensíveis, frias, ternurentas... Mas sempre presentes em qualquer parte Os donos da amizade...

Período naturalismo

Abita um bicho em mim Tenho medo de bicho Bicho é assim, paira para pairar Naturalistas, escritores, cientistas, músicos ricos não pairam, pobres sim... Bichos não são naturalistas Só homens, mulheres...nem pensar O tempero da racionalidade É a perca E de não ter, é não ter perca O mercado esta de portas abertas No entanto fechadas Para quem não é naturalista Surfistas moram nas praias Imperialistas dentro do mercado.

Período parnasianismo

A UM POETA

Longe do estéril turbilhão da rua, Beneditino, escreve! No aconchego Do claustro, no silêncio e no sossego, Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua! Mas que na forma se disfarce o emprego Do esforço; e a trama viva se construa De tal modo, que a imagem fique nua, Rica, mas sóbria, como um templo grego. Não se mostre na fábrica o suplício Do mestre. E, natural, o efeito agrade, Sem lembrar os andaimes do edifício: Porque a Beleza, gêmea da Verdade, Arte pura, inimiga do artifício, É a força e a graça na simplicidade.

Período simbolismo

Acrobata da dor

Gargalha, ri, num riso de tormenta, como um palhaço, que desengonçado, nervoso, ri, num riso absurdo, inflado de uma ironia e de uma dor violenta. Da gargalhada atroz, sanguinolenta, agita os guizos, e convulsionado salta, gavroche, salta clown, varado pelo estertor dessa agonia lenta ... Pedem-se bis e um bis não se despreza! Vamos! retesa os músculos, retesa nessas macabras piruetas d'aço. . . E embora caias sobre o chão, fremente, afogado em teu sangue estuoso e quente, ri! Coração, tristíssimo palhaço.

Período pré modernismo

Versos íntimos

"Vês! Ninguém assistiu ao formidável Enterro de tua última quimera. Somente a Ingratidão - esta pantera - Foi tua companheira inseparável! Acostuma-te à lama que te espera! O Homem, que, nesta terra miserável, Mora, entre feras, sente inevitável Necessidade de também ser fera. Toma um fósforo. Acende teu cigarro! O beijo, amigo, é a véspera do escarro, A mão que afaga é a mesma que apedreja. Se a alguém causa inda pena a tua chaga, Apedreja essa mão vil que te afaga, Escarra nessa boca que te beija!"

Período modernismo

Moça Linda Bem Tratada (1922)

Moça linda bem tratada, Três séculos de família, Burra como uma porta: Um amor. Grã-fino do despudor, Esporte, ignorância e sexo, Burro como uma porta: Um coió. Mulher gordaça, filó, De ouro por todos os poros Burra como uma porta: Paciência... Plutocrata sem consciência, Nada porta, terremoto Que a porta de pobre arromba: Uma bomba.